

SUMÁRIO

Prefácio

Diana Luz Pessoa de Barros

José Luiz Fiorin

1. Depoimentos

Em busca das histórias perdidas

Dino Preti

Reminiscências afetivo-profissionais de um semiótico grupo

Adriana Miguel Ventura

Marcelo Coutinho de Lima

Natércia Felipe Carona

Roseli Morena Porto

Izidoro Blikstein: intelectual judeu-brasileiro e orientador universitário

Alexandre Leone

Ensinando Semiótica em um Curso de Graduação em Administração Pública: Relato da Experiência com o Primeiro Semestre do Curso Reformulado da FGV-EAESP

Antonio Gelis Filho

A propósito de Izidoro Blikstein

Carlos Osmar Bertero

Para o Izi

Hugo Belisário

Izidoro Blikstein, um homem de ciência e de ação

Jacó Guinsburg

A leveza de Izidoro

Maria Ester de Freitas

2. Lingüística Histórica

A periodização da linguagem na Índia

Carlos Alberto da Fonseca

Vocábulo de origem indiana nos relatos das *Décadas da Ásia*: processos discursivos de re-significação

Maria Valéria Aderson de Mello Vargas

3. História das idéias lingüísticas

Os lingüistas e a lingüística como sujeitos históricos

Beth Brait

O funcionalismo e o formalismo na lingüística brasileira dos anos 60/80 do século XX
Eni de L. P. Orlandi

A Minerva e o Methodo grammatical para todas as linguas

Leonor Lopes Fávero

4. Semântica e Retórica

Izidoro Blikstein ou a fabricação de pontes semióticas

Dílson Ferreira da Cruz

Cada um por si e Deus contra todos: Kaspar Hauser e a questão da semiose não-verbal

Elcio Loureiro Cornelsen

Um olhar para fatos de significação

Esmeralda Vailati Negrão

Meandros da modulação

Francis Henrik Aubert

Paráfrase e *énérgiea*: uma reflexão à luz da concepção de linguagem de Wilhelm von Humboldt

José Gaston Hilgert

5. Estudos interdisciplinares

Poesia e gramática. Ninguém estremeça...

Maria Helena de Moura Neves

Literatura, lingüística e linguagem: uma questão de diferença

Marisa Lajolo

On Aphasia: Freud e a reflexão sobre linguagem

Sílvia Dinucci Fernandes

6. Estudos sobre racismo e outras formas de preconceito

Preconceito e intolerância em gramáticas do português

Diana Luz Pessoa de Barros

Ouvindo e dialogando com usuários do português brasileiro: a polêmica em torno do gerúndio

John Robert Schmitz

Intolerância lingüística e resistência: a questão do negro

Margarida Petter

7. Estudos judaicos

Fantasia no Holocausto: o toque pedagógico da intolerância
Ana Szpiczkowski

Um labirinto de vozes: *Ver: Amor*
Berta Waldman

Penn, pena maldita?
Nancy Rozenchan

Reflexões sobre estudos da Shoá
Rifka Berezin

8. Semiologia, Semiótica e Análise do Discurso

Nada pode substituir a língua materna
Alceu Dias Lima

O léxico dos hinos pátrios: esboço de estudo semiótico
Francisco da Silva Borba

Revisitando o passado, refazendo caminhos, lembrando as pessoas
Ione Bentz

Por uma análise crítica do discurso das organizações
Mário Aquino Alves

Algumas palavras sobre Astérix
Roberto Heloani

Semiótica e política
José Luiz Fiorin

PREFÁCIO

A noite desceu. Que noite! (...)
A noite anoiteceu tudo...
O mundo não tem remédio... (...)
Aurora,
entretanto, eu te diviso, ainda tímida,
inexperiente das luzes que vais acender
e dos bens que repartirás com todos os homens. (...)
Havemos de amanhecer. O mundo
se tingem com as tintas da antemã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.
(Drummond, *A noite dissolve os homens*)

Izidoro Blikstein nasceu em 1938, quando o mundo se cobria das trevas do nazifascismo, com seu cortejo de horrores, especialmente o Holocausto. Em 1945, a aurora democrática vai decompondo “o triste mundo fascista”. No entanto, à guerra quente sucedeu a guerra fria. Como diz Hjelmslev, “a famosa Cortina de Ferro constitui uma fronteira semântica entre duas grandes associações lingüísticas (...) no conjunto da área-substância a que se pode chamar política” (*Ensaio lingüístico*, p. 108). É nessa circunstância histórica que passa sua infância e sua adolescência nosso homenageado.

Diz Bakhtin que a consciência se constrói na comunicação social, ou seja, na História. Por isso, os conteúdos que a formam são semióticos. O sujeito vai constituindo-se discursivamente, na medida em que apreende as vozes sociais que dão a conhecer a realidade em que vive, bem como suas inter-relações dialógicas. Dessa forma, o sujeito é constitutivamente dialógico: em seu interior, as vozes estão em relação de concordância ou de discordância. No processo social de constituição da consciência, os discursos não são apreendidos da mesma maneira. Há aqueles que são assumidos como vozes de autoridade. São os que são assimilados como uma totalidade indivisa, que não aceita qualquer contestação. Eles são centrípetos, impermeáveis, resistentes a impregnar-se de outras vozes, a relativizar-se. Podem ser o discurso da Igreja, do Partido, etc. Há, de outro lado, os que são adotados como vozes internamente persuasivas. A eles não se adere de modo incondicional. Por isso, são permeáveis, centrífugos, admitem a impregnação do outro, aceitam a hibridização, são abertos à mudança.

De sua experiência histórica, Izidoro passa a recusar o totalitarismo, o autoritarismo. Ele aprende que a democracia é uma posição de vida, a praticar no dia-a-dia. Daí certas qualidades que todos sempre apreciamos nele: a generosidade, a tolerância, a aceitação radical da alteridade.

Em 1960, forma-se em Letras Clássicas na USP, na mítica Maria Antônia. Parte dos libertários anos 60, passa na França. Em 1962, depois de estudos aprofundados de grego, de latim e de sânscrito, obtém seu título de Mestre em Linguística Comparada, com a dissertação *Les finales de l'infinif grec*. De 1963 a 1965, é leitor na Université Lumière Lyon II. Em 1973, defende, sob a orientação de Isaac Nicolau Salum, sua tese de doutorado, intitulada *Perspectivas da etimologia*. Em 1976, faz sua livre-docência com a tese *O campo morfo-semântico de KARA, 'cabeça'*. Professor na USP desde 1965, chega a professor titular em 1984.

Sua atividade de docência e pesquisa está profundamente marcada pela ambiente em que se constitui sua consciência. É onipresente em sua pesquisa a recusa ao totalitarismo, ao fundamentalismo, ao racismo, à xenofobia, à intolerância, aos preconceitos em geral. Poder-se-ia dizer que sua investigação toma três direções profundamente interligadas: a análise lingüística diacrônica, a semiologia discursiva e a retórica. Insatisfeito com uma pesquisa em lingüística histórica, que se comprazia na análise das formas, Izidoro interessa-se pelo conteúdo. A semântica é colocada em primeiro plano. Como dizia Cabral: “Acabou vendo Joan Brossa/ que os verbos do catalão/ tinham coisas por detrás,/ eram só palavras, não”. São exemplos claros sua tese de doutorado e de livre-docência.

Seus estudos de semântica e de semiologia estão voltados para o desvelamento dos mecanismos de construção do discurso autoritário: é o trabalho sobre as raízes do nazismo nas concepções da lingüística indo-européia, é o estudo sobre a semiologia do Holocausto, é o exame do discurso racista; é a análise da semiótica do universo concentracionário, é a investigação da narrativa dos sobreviventes do holocausto, etc.

Vivendo a experiência histórica que viveu, Izidoro é extremamente sensível ao poder da linguagem. Com efeito, os modernos meios de comunicação, como os líderes nazistas e fascistas perceberam rapidamente, ampliam consideravelmente o efeito da palavra. A suástica, as orquestras de metais, a arquitetura neoclássica, tudo se apodera da consciência das massas. Daí a preocupação do Izidoro com o papel da linguagem na fabricação da realidade, com o discurso político e empresarial, com a publicidade, mas também com a expressão escrita e oral. Em seus estudos da comunicação oral, ele não se interessa apenas pelas operações que os latinos chamavam *inventio*, *dispositio* e *elocutio*, mas também pela *actio*, que os gregos denominavam *hypócrisis*. É por isso que ele escreve sobre a voz, os gestos, etc.

Seu ensino é coerente com essas preocupações da pesquisa. Foi o primeiro a interessar-se pela semiologia das linguagens visuais, ministrando cursos, mostrando que não podíamos ignorar o papel dessas linguagens na comunicação contemporânea.

Os trabalhos apresentados neste volume dividem-se em oito grupos: o primeiro, com depoimentos sobre o homenageado; o segundo, com trabalhos de lingüística histórica; o terceiro, com estudos sobre a história das idéias lingüísticas; o quarto, com artigos sobre semântica e retórica; o quinto, com estudos interdisciplinares; o sexto, com estudos sobre o racismo e outras formas de preconceito; o sétimo, com artigos sobre os estudos judaicos; o oitavo, com trabalhos sobre semiologia e semiótica.

São depoimentos e artigos de pessoas que mantiveram com o Izidoro os mais variados laços: familiares, amigos de infância, professores, colegas de faculdade, companheiros de trabalho e de atividades administrativas, alunos, orientandos, amigos. É fácil concluir, portanto, que nos diferentes encargos que assumiu, nas tarefas diversas que cumpriu na escola e fora dela – de ensinar, de orientar, de formar pesquisadores, de participar de comissões e de presidi-las, de administrar departamento e faculdade –, Izidoro deixou marcas de amizade, de lealdade, de seriedade, de criatividade e de bom humor.

A lingüística da Universidade de São Paulo teve, assim, o privilégio de contar não só com suas lições sobre a linguagem, mas também com sua sabedoria de vida, seu bom senso e seu entusiasmo, para pôr água na fervura, quando ingenuamente nos “aquecíamos” demais, para nos animar, quando já tínhamos perdido a fé.

Izidoro tem uma carreira e uma vida coerentes. Sua pesquisa e seu ensino estão voltados para, usando uma expressão de Guimarães Rosa, tornar os homens humanos. Na relação com os amigos e com os estudantes, orientandos ou não, manifesta-se, além dos traços de personalidade elencados acima, uma grande generosidade. Este livro é,

pois, uma homenagem dos amigos ao pesquisador que, sem cair no proselitismo, esteve sempre engajado nas boas causas; ao professor generoso e sempre disposto a estimular os alunos; à pessoa leal e radicalmente democrática.

São Paulo, verão de 2008.

Diana Luz Pessoa de Barros
José Luiz Fiorin